

# COLUNA DO CASTELLO

MARCELO PONTES

## O Congresso Nacional na berlinda

**S**ábado, tarde de sol, feijoada no cinematográfico apartamento de um banqueiro, no Jardim Europa, um dos bairros mais caros de São Paulo.

Numa roda de empresários, um só assunto entusiasma: o papel dos políticos e do Congresso Nacional. O presidente de uma empresa brasileira de construção pesada, com grandes obras no exterior, junta dados de várias épocas para compor uma bem articulada crítica ao Congresso.

Puxa na memória a revolução desencadeada no sindicalismo brasileiro com o surgimento da liderança do metalúrgico Luís Inácio da Silva, o Lula, em 1975. Os sindicatos enfrentaram de peito aberto o regime militar, romperam tabus e, resgatando em seu sentido mais fiel um verbo muito desgastado, se modernizaram. Hoje, ninguém tem dúvidas de que o líder Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, sucessor de terceira fornada de Lula, é uma espécie de estadista sindical. Acossado pela recessão, incorporou a luta pelo emprego às campanhas de reivindicações salariais. Conhece o mercado mundial, sentou-se com dirigentes da Ford americana para manter

que há muito dinheiro para investimentos rodando por aí.

O banqueiro está à vontade. Esta é a sua área, a do atacado financeiro. Informa que na recente privatização da YPF, a Petrobrás argentina, houve uma oferta de US\$ 2 bilhões em ações. Sabe de quanto foi a procura dos investidores? Dez vezes mais, US\$ 20 bilhões. E a Argentina, diz o banqueiro, não é nenhuma *brastemp*. O dinheiro vai para onde há regras definidas, estabilidade econômica. O Congresso, conclui o banqueiro, não dá a ajuda necessária para reverter mais rapidamente a crise. E basta um empurrão. A economia brasileira está com o motor de partida ligado, a marcha engrenada.



Terça-feira, 23h, jantar no Piantella, restaurante de Brasília, pelo aniversário do deputado Ibsen Pinheiro, ex-presidente da Câmara.

Estavam presentes alguns dos deputados de maior influência na condução dos trabalhos parlamentares. Pelo peso político daquela mesa comprida comandada por Ibsen, pode-se dizer sem

aberta uma fábrica no Brasil e já foi ao Japão.

O empreiteiro acrescenta à sua análise o esforço dos empresários de todos os setores para se ajustarem à crise. Na marra, cortaram custos, demitiram, fecharam algumas empresas para se manterem vivos e adotaram como uma das raras heranças positivas do falecido governo Collor duas palavras mágicas: qualidade e produtividade, passaporte para abrir picadas na selva da crise.

O Poder Executivo, continua o empreiteiro, também tenta se ajustar, como mostra o esforço do ministro Fernando Henrique Cardoso para pôr a casa em ordem. Corta o Orçamento, negocia o fim do calote dos estados e municípios, monta um cidadão para levar à execução e à execração públicas o dirigente de banco estatal que cometa o suicídio político e moral de emprestar dinheiro ao seu governador.

E o Congresso? O que faz o Congresso para ajudar o país a sair da crise econômica? À sua própria pergunta, o empreiteiro, homem que viaja com frequência do Chile e México aos Tigres Asiáticos — em 1992, passou 38 vezes por Londres —, responde com uma frase curta e contundente: o Congresso é o atraso.

O banqueiro dono da casa faz uma tradução disso: o Congresso, diz ele, ocupa-se apenas de políticas de varejo e de curto prazo, nunca de um plano de médio e de longo prazos para colocar o Brasil na rota das economias competitivas. Cita

medo de errar que nada de importante para a economia ou qualquer outra área do país passa pelo Congresso sem a participação decisiva daquelas duas dezenas de convidados de vários partidos. A história da feijoada na casa do banqueiro de São Paulo foi narrada para alguns deles.

Não apareceu, obviamente, uma voz que desse o mínimo de razão à queixa dos empresários. O Congresso, dizem os deputados, aprovou tudo que o governo pediu. Se não aprova mais é porque o governo não sabe o que quer, ainda não tem um plano econômico. Acrescentam que há muita injustiça com o deputado Inocêncio Oliveira, presidente da Câmara, por causa dos poços que o Dnocs construiu em propriedades suas. Não havia nada de ilegal nisso. A Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul faz algo semelhante ao que o Dnocs faz.

O máximo que se permitiu de concessão na roda do jantar de Brasília foi que não é normal o fato de se ter que defender o presidente da Câmara de acusações. Ulysses Guimarães e Ibsen Pinheiro não precisaram desse tipo de socorro.

Mas o nó que acaba unindo a feijoada do Jardim Europa ao jantar do Piantella foi o humilde reconhecimento feito pelo líder de um dos três maiores partidos políticos: se o Congresso vem sendo muito atacado hoje é porque está distante da sociedade. É a hora de partir para o ataque e enfrentar o debate.